

A representação de pontos de vista no artigo científico

Suzana Leite Cortez*

Resumo

Partindo de uma abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista, este artigo apresenta os resultados da análise da argumentação em dois artigos científicos. Tem como propósito discutir aspectos linguísticos que contribuem para o estabelecimento das posições neste gênero. Entre estes destacam-se as formas nominais e os verbos de dizer, ação e percepção, que contribuem para “colocar” a perspectiva de si e do outro no discurso, orientando-o argumentativamente. Nesse processo, as relações locutor-enunciador são fundamentais e permitem analisar os dispositivos de *prise en charge* e imputação, que atuam na manifestação da presença de si e do outro no discurso. Vê-se, assim, como o locutor (pesquisador), ao dialogar com outros enunciadores (pesquisadores), assume responsabilidade enunciativa sobre o conteúdo do artigo, particularizando um modo de argumentar mais ligado ao estilo do que ao gênero.

Palavras-chave: Argumentação. Artigo científico. Objetos de discurso. Ponto de vista.

Introdução

A noção de ponto de vista põe em evidência a complexidade das relações entre as instâncias que povoam o discurso. Sendo um aspecto marcante da constituição das posições, essas relações ou simplesmente a heterogeneidade enunciativa que lhes caracteriza pode ser analisada a partir da *representação de pontos de vista*. Dito de outro modo, abordar o ponto de vista e dedicar-se ao estudo dessa noção é debruçar-se sobre as diferentes vozes que (consoantes ou dissonantes) constroem e perspectivam os objetos de discurso. Por esta abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista (cf. RABATEL, 2008), podem ser observados mecanismos de expressão da subjetividade, que permitem definir o ponto de vista em termos de posição enunciativa, ou como um conjunto de

* Doutora em Linguística pela Unicamp; professora pesquisadora do mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.

posições enunciativas que são postas em relação e podem ser investigadas pela maneira como o sujeito (locutor e/ou enunciador) apreende um objeto de discurso.

Isso implica dizer que um objeto de discurso é sempre perspectivado, sendo coconstruído na cadeia referencial, porque é tecido no entrecruzamento de vozes veladas ou explícitas. Assim, todo objeto de discurso manifesta o ponto de vista de um ou mais enunciadores, sendo tecido num jogo dialógico que pode ser vislumbrado pela retomada anafórica, pela recategorização do referente, ou simplesmente na progressão referencial ou apenas na introdução do referente. Essas operações ou procedimentos discursivos podem ser analisados a partir das *formas nominais*, que são analisadas por Koch (2002) como uma das principais estratégias de referenciação, as quais empreendem uma seleção dentre as diversas propriedades do referente, que, em dada situação discursiva, interessa ao locutor destacar.

Situamos, assim, uma das propostas de nosso estudo: analisar a representação do ponto de vista, tendo como ferramenta de análise não apenas as formas nominais, mas também os verbos de dizer e percepção, que contribuem para “colocar” a perspectiva de si e do outro no discurso, orientando-o argumentativamente. Nesse processo, as relações locutor/enunciador são fundamentais e permitem analisar os dispositivos de *prise en charge* e imputação, que atuam

na manifestação da presença de si e do outro no discurso. Desse modo, o ponto de vista do outro é identificado não apenas pelo dizer assumido (*prise en charge*), mas também através do dizer e de percepções atribuídas pelo produtor do texto (imputação) a outro(s) enunciador(es).

Por esse enquadre dialógico, a análise do ponto de vista permite pôr em evidência a relação entre, pelo menos, dois espaços enunciativos, que atuam na orientação argumentativa de diferentes gêneros. Por essa relação, o locutor apreende e apresenta os objetos de discurso para fazer valer seu ponto de vista em meio ao ponto de vista de outros enunciadores.

Considerando que essas ações discursivas não escapam aos gêneros do domínio acadêmico, essa pesquisa investiga como se manifesta a representação de pontos de vista no artigo científico,¹ um gênero bastante utilizado na produção discursiva desse domínio. Hoffnagel (2010) justifica a necessidade de analisar este gênero em instrumentos de produção de conhecimento acadêmico “em conformidade com as normas, os valores e a ideologia das disciplinas”, “esses gêneros são o meio pelo qual os cientistas e estudiosos de uma área disciplinar se comunicam entre si” (HOFFNAGEL, 2010, p. 315). Contudo, os gêneros acadêmicos não somente transmitem conhecimento, mas possibilitam sua construção, para a qual o artigo científico desempenha um papel relevante, pois cada vez mais vem sendo utilizado por docentes e pes-

quisadores tanto como instrumento de avaliação da sua produção acadêmica (produtividade em C&T), mas também como instrumento de avaliação dos alunos de graduação e pós-graduação.

Ouro fator que justifica o interesse pelo artigo científico é a necessidade de analisar certos construtos socioacadêmicos a respeito desse gênero, que é comumente reconhecido como “autoevidente”, homogêneo e como se tivesse um formato geral mais ou menos fixo, para todas as áreas do saber. Isso pode ser visto em vários manuais de redação científica, segundo expõe Hoffnagel (2010, p. 328), assinalando que esses manuais tendem a dar “receitas” em relação à forma ou à organização do artigo, para a qual são constituintes fundamentais: introdução, métodos, resultados e discussão/conclusão (cf. SWALES, 2004). Hoffnagel ressalta ainda que esses manuais dão dicas sobre as formas das citações e alertam para a necessidade de se utilizar uma linguagem “objetiva e impessoal”. É essa ilusão de objetividade que aqui será analisada na ótica da teoria do ponto de vista. Assim, interrogamo-nos: é possível manter a propalada “objetividade” e “impessoalidade” em artigos das ciências humanas, particularmente na área de antropologia? Considerando que os gêneros não são apenas um conjunto de traços textuais, mas “tipificam muitas coisas além da forma textual”, já que são “parte do modo como os seres humanos dão formas às atividades sociais” (BAZERMAN, 2006, p. 31), interrogamo-nos: a construção textual

do ponto de vista nesse gênero configura um modo específico de argumentar na prática discursiva da área referida? Ou seja, há uma relação intrínseca entre o modo como o artigo se configura e a área acadêmica?

Ao voltarmos-nos para a análise dessas questões no artigo científico, propomos-nos a investigar como o diálogo entre as instâncias autorais – locutor-pesquisador e demais enunciadores pesquisadores – é textualmente configurado nesse gênero. De maneira mais específica, pretendemos mostrar os dispositivos textual-discursivos que caracterizam a argumentação nesse gênero.

Reinterpretando a noção de ponto de vista

A abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista (cf. RABATEL, 1997, 2008, 2009) reinterpreta a noção de foco (tão cara ao estudo da focalização narrativa²), deslocando o problema para a relação entre *sujeitos enunciadores* e *objeto de conhecimento*.³ Deixando de lado os tipos de focalização narrativa, a análise do ponto de vista no nível textual-discursivo abre espaço para o estudo da heterogeneidade enunciativa. Dito de outro modo, a abordagem enunciativo-interacional alarga o escopo de estudo do ponto de vista não restrito ao domínio literário, convocando a discussão sobre as “vozes” que interferem na tessitura do discurso e, mais especificamente, sobre o processamento da argumentação.

Nesse sentido, a manifestação do ponto de vista não se limita à expressão da vida psíquica dos personagens, já que este não corresponde apenas à expressão de uma percepção ou de um pensamento. O ponto de vista também engloba a representação de falas que podem se manifestar por diferentes formas do discurso reportado (discurso direto, discurso indireto, discurso direto livre etc.). Nessa ótica, as falas, os pensamentos e percepções assinalam pontos de vista, conferindo posição aos enunciadores no discurso. Ademais, essa *reinterpretação da noção de ponto de vista* considera que mesmo as “frases sem fala” (quando não há asserção ou fala explícita) permitem a expressão de um ponto de vista, ou seja, ainda que as instâncias não falem, podem ter seu ponto de vista representado por outro enunciador ou pelo locutor/enunciador primeiro.⁴ Essa representação pode ser assumida pelo locutor/enunciador primeiro (doravante L1/E1), encarregado de gerenciar as informações no discurso, ou ser atribuída por ele a outros enunciadores, que nem sempre são autorizados a falar.

Desse modo, aquele que diz, o locutor,⁵ nem sempre assume o que diz, pois pode estar não apenas dizendo pelo outro, mas imputando um ponto de vista ao outro, de quem ele quer marcar distanciamento. Por isso, aquele que fala não é necessariamente a fonte da percepção ou do enquadre conceitual do objeto (saber enunciado). Assim, o estudo do ponto de vista permite questionar como

o objeto de discurso é conceitualmente enquadrado⁶ e construído nesse mosaico de perspectivas, permitindo investigar os dispositivos enunciativos de *prise en charge* e imputação que atuam nesse processo.

O ponto de vista, portanto, resulta do agenciamento de perspectivas que se manifestam no texto por procedimentos variados a depender do gênero, do estilo do autor, da visibilidade que se quer dar a um ou outro enunciador, a um ou outro ponto de vista, ou simplesmente: da orientação argumentativa do texto. Essa articulação entre ponto de vista e orientação argumentativa é mais um testemunho da ampliação do campo conceitual do ponto de vista e de como a noção de foco pode limitar seu entendimento. Essa reorientação no estudo do ponto de vista conferiu-lhe um recorte teórico de cunho mais pragmático e dialógico, que o deslocou das restrições estruturalistas, inclusive de uma abordagem polifônica no nível do enunciado ou da argumentação na língua, tal como concebe Ducrot (1984).

Por esse recorte pragmático-dialógico, a representação de pontos de vista no discurso é necessariamente marcada pela presença de enunciadores que manifestam pontos de vista, o que contribui para lançar luzes sobre a constituição e o gerenciamento das posições enunciativas. Porém, essa questão seria simples de afirmar se as falas e pensamentos manifestados sempre indicassem o PDV do produtor do texto ou de apenas um

enunciador. Longe dessa simplificação, a representação do PDV torna-se complexa quando se considera o dialogismo. É nesse sentido que as relações entre locutores e enunciadores assumem importância capital para a compreensão e análise do PDV. Essas relações intersubjetivas dão-se pelo modo de apreensão dos objetos no discurso, de vez que se a instância interagem é porque há um tema e/ou objeto motivador que as põem em relação. Assim, um “objeto de discurso” (cf. APOTHELOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995) é necessariamente perspectivado, sendo esse fenômeno representativo da forma como os enunciadores interagem e marcam posição no discurso. Dito de outro modo, a representação de pontos de vista assinala a presença de enunciadores ou instâncias subjetivas que ancoram os objetos de discurso.

Em se tratando do gênero aqui analisado, essas relações parecem indicar um modo específico de argumentar em meio a outras vozes (consoantes ou dissonantes), contribuindo para construir a *hierarquia* tão característica que marca as relações intersubjetivas nesse *domínio discursivo*. Ademais, baseando-nos em Ribeiro (2005, p. 253) podemos dizer que o domínio discursivo não apenas impõe normas que singularizam os gêneros, mas organiza e regula a tomada da palavra. Essa “tomada da palavra” pode ser aqui entendida como uma *atitude* que indica particularidades no modo como o locutor *assume e/ou atribui/imputa pontos de vista* no artigo científico e

consequentemente no modo como L1/E1 gerencia a presença do outro. Esse gerenciamento, a nosso ver, realiza-se por diferentes estratégias textual-discursivas que atuam na construção enunciativo-interacional do PDV.

Considerando os aspectos aqui levantados em torno da representação do PDV, passemos agora a descrever as estratégias textual-discursivas observadas na análise da construção do PDV no artigo científico. Essa construção aponta tanto para a representação do PDV de outros enunciadores como para a afirmação do PDV de L1/E1.

Analizando a representação de pontos de vista no artigo científico

Considerando que a noção de ponto de vista permite analisar, entre outras questões, como se dá a *apreensão do discurso outro para a afirmação da posição do locutor*, que é um fenômeno bastante recorrente nos gêneros fortemente marcados por “sequências argumentativas” (ADAM, 2011; BRONCKART, 1999), então levantamos a hipótese de que a representação de pontos de vista no artigo científico parece estar mais ligada ao estilo do autor do que à área científica (embora não se possa negligenciar a área). Além disso, e tal como analisa Hoffnagel (2009b, p. 315), a organização retórica global desse gênero apresenta variações acentuadas em diferentes áreas das ciências humanas (cf. SWALES, 2004).

Visando à investigação da hipótese levantada, selecionamos trechos de dois artigos da mesma área de conhecimento, a antropologia.⁷ Esses dois artigos: um sobrevoos no “Caso Marie Curie”: um experimento de antropologia, gênero e ciência” e “A origem do homem americano vista a partir da América do Sul: uma ou duas migrações?”, foram publicados na revista de *Antropologia* (USP, 2007, v. 50, n. 1) e aqui serão chamados, respectivamente, de AC1 e AC2. A escolha desses dois artigos deve-se ao fato de apresentarem diferenças consideráveis quanto ao modo de argumentar, mais particularmente: afirmar posição (aprender os objetos de discurso) e enquadrar a posição do outro (seu dizer, ação e percepção) para fazer valer a posição daquele que escreve (o locutor-enunciador principal – L1/E1).

Os dados coletados foram agrupados em duas grandes categorias de representação do PDV, as quais assinalam que a representação pode ser configurada tanto na direção do “eu”, a fim de pôr em evidência o seu PDV, quanto na direção do “outro”, a fim de que o “eu” ora reforce sua posição, fundamentando-se no que o outro diz, ora utilize o dizer do outro para contrapor-se a este, marcando distanciamento. Essas duas categorias de representação indicam, respectivamente, a representação do PDV do locutor-enunciador primeiro (L1/E1) e a representação do PDV de enunciadores segundos (e2). Esses dois grandes movimentos de representação realizam-se nos artigos científicos analisados por meio de diferentes

estratégias textual-discursivas, que passaremos a descrever de agora em diante.

Representação do PDV de L1/E1

Na análise da representação do PDV de L1/E1, vislumbramos cinco estratégias textual-discursivas: a) rotulação metadiscursiva e/ou metalinguística; b) reformulação ou reacentuação; c) modalização; d) ordenação descritiva; e) predicação ou comparação. Para a análise linguística dessas estratégias, destacamos formas nominais referenciais e expressões verbais.

a) Rotulação metadiscursiva e/ou metalinguística

A rotulação metadiscursiva e/ou metalinguística evidencia-se por formas nominais que rotulam o discurso, a intenção ou a atitude/atividade do pesquisador. Essas expressões assinalam variações no modo de marcar a presença no discurso, o que implica graus diferentes de debreagem. No AC1, a debreagem é mais evidente havendo inserção explícita do “eu” por debreagem máxima, como mostram os pronomes possessivos (“meu”, “minha”, “minhas”) sublinhados nas formas nominais em negrito dos trechos abaixo do AC1:

1. Assim **meu intuito** é acompanhar as discussões da época sobre a natureza dos raios urânicos e os problemas relativos à inserção feminina na ciência.

2. Se **meu trabalho** necessita de um esforço demasiado historiográfico, **meus interesses** no “Caso Marie Curie” tendem a alinhar questões de antropologia das ciências (Latour, 1994) e do projeto feminista, gênero e ciência (Keller, 1985).
3. [...] com base nesse registro, tento explorar as condições de possibilidade de descrição do “Caso Marie Curie” como se fossem produto de relações – assim também o faço para **minha produção**.
4. Tento **me** fazer claro para evidenciar que não tomo as ferramentas de análise como o tema de pesquisa. **Minha ideia** é, ao contrário, utilizar algumas “caixas de ferramentas” do presente para descrever as relações na prática científica do passado, seguindo, por princípio, os próprios termos das relações.
5. Deixe-me explicitar: **meu intuito** é produzir problemas “bons para pensar”, para os dois campos de estudo que até agora evidenciei [...].

As formas nominais em negrito assinalam a *prise en charge* do locutor em AC1, revelando uma conexão explícita, assumidamente marcada, entre sujeito (locutor-pesquisador) e objeto (seu fazer, atitude, pesquisa). O mesmo não acontece em AC2, pois o locutor prefere marcar distanciamento na relação com o objeto de discurso (trabalho), ainda que utilize a primeira pessoa do plural. As expres-

sões em negrito do trecho que segue do AC2 evidenciam o distanciamento. Os verbos sublinhados indicam a utilização ora da terceira pessoa do singular, ora da primeira pessoa do plural:

6. **Este trabalho** apresenta novas evidências de que dois padrões morfológicos cranianos de fato se sucederam no Novo Mundo. Um relacionado às populações mais antigas (paleoíndias) e um relacionado a populações arcaicas e agrocerâmicas.
7. **Neste trabalho** investigamos o cenário preconizado pelo “Modelo dos Dois Componentes Biológicos Principais”, usando para tanto três amostras esqueléticas numericamente expressivas, cronologicamente distintas, da América do Sul.

Diferentemente do AC2, o AC1, mesmo que utilize formas nominais rotuladoras do tipo “este trabalho” ou “neste trabalho”, ancora a rotulação em expressões que indicam debruçagem máxima. Nos trechos seguintes, destacamos em negrito uma forma nominal e uma forma verbal, sublinhando em ambas os termos (“venho”, “meu”, “irei”) que apontam diretamente para o “eu”:

8. Este artigo é fruto de **uma reflexão que venho desenvolvendo desde meu trabalho de conclusão de curso** (TCC) na graduação, concluído em 2006, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

9. Neste artigo **irei** reabrir certas “caixas-pretas” para reconstituir a controvérsia científica que se desdobrou no prêmio Nobel de 1903, quando a descoberta da radioatividade e de elementos radioativos foi laureada.

b) Reformulação ou reacentuação do PDV

Quando há uma mudança de percepção do locutor/enunciador acerca do objeto de discurso, sem a interferência (explícita ou direta) do PDV de outros enunciadores, opera-se a *reformulação ou reacentuação* no discurso de L1/E1. Identificamos essa operação nos dois artigos. Porém, notamos que o estilo assumido pelos locutores nos artigos analisados faz com que haja diferenças significativas no modo de apreender os objetos.

No AC1, é notável a presença de *formas nominais autodialógicas* que atuam na reacentuação ou reformulação do PDV de L1/E1. Essas formas nominais homologam transformações sofridas pelo referente na cadeia anafórica e como consequência são recategorizadas, apresentando um sentido (ora mais, ora menos) diferente daquele que lhe vinha sendo atribuído. Nos exemplos 10 a 13 do AC1, observamos um reajuste na percepção do locutor através das formas nominais em negrito. Em itálico, destaca-se o referente das formas nominais e encontram-se sublinhadas expressões explicativas que ancoram a reacentuação.

10. [referindo-se a comunicação apresentada pelo físico Becquerel] Ele percebeu que, em contato com os sais de urânio, as chapas fotográficas são sensibilizadas, mesmo sem a ação da luz. Mas não há *nada de inovador nisso, quero dizer, nada de muito diferente da hipótese apresentada por Poincaré* (Martins, 1990).
11. Assim, Marie submete Becquerel e os outros cientistas a uma interessante política: quanto mais a cientista fazia a radioatividade agir sozinha, calando seu rival, mais a radioatividade afastava Marie dos problemas com gênero, fazendo que *ela fosse progressivamente mais aceita, quero dizer, tratada como uma exceção*.
12. [...] o realismo produzido com a ajuda de instrumentos laboratoriais e de todo o resto que mobilizou transformava, cada vez mais, a desigualdade de gênero n *um simples fetiche sexista, ou seja, n uma ideologia subjetiva e discriminatória*, e, assim, não deveria ser considerado pelos homens de ciência.
13. [Referindo-se ao fato de a pechblenda e a calcolita emitirem mais radiação que o urânio, o que vinha sendo alvo de estudo/ descoberta de Marie] A “*anormalidade*” dos raios consistia no fato de que esses minérios emitiam raios muito mais fortes

do que a quantidade de urânio e tório neles existente; que eram possíveis de se ver por meio do método da piezoelectricidade. **Essa radiação anormal** emitida pela pechblenda “poderia vir a ser” um fenômeno mais geral. Marie percebeu, junto com Carl Schmidt e com uma porção de tório, que esse fenômeno não era específico do urânio, com a pechblenda, também evidenciou que não era um fenômeno isolado. **Essa poderosa radiação** implicou a hipótese de que outras substâncias (contidas na pechblenda) emitissem esses raios mais fortes, como ela mesma assinalou ainda em 1898.

Diferentemente do que ocorre em AC1, ainda que haja formas nominais autodialógicas em AC2, estas não se apresentam com a mesma plasticidade lexical que em AC1. Notamos que a recategorização lexical em AC2 é menos adjetivada e faz-se por meio de relação sinonímica esperada (dentro de um mesmo campo semântico). O objeto de discurso em evidência no trecho abaixo é “o número de migrações que deu origem aos nativos americanos”. Tal objeto é retomado por duas formas nominais (anáforas indiretas), que encapsulam o referente: “esse processo” e “esse cenário”. Esse mesmo referente é recategorizado por uma forma sinonímica: “quantas migrações”, que por sua vez é retomada por duas outras: “várias migrações” e “vários eventos de expansão”. Destacam-

-se também, nesse trecho, expressões explicativas (sublinhadas).

14. *É improvável que* o número de migrações que deu origem aos nativos americanos possa um dia ser conhecido. Se uma mesma população asiática contribuiu diversas vezes **nesse processo** com um número significativo de indivíduos, *torna-se bem pouco provável* que se consiga distinguir **esse cenário** de um que assume ter havido apenas uma migração desses asiáticos para o Novo Mundo (GOEBEL et al., 2008). Portanto, *é possível conhecer* **quantas populações** asiáticas diferenciadas contribuíram para a formação dos povos nativos americanos, mas não em **quantas migrações** essas contribuições ocorreram. Dito de uma outra forma, uma mesma população biológica siberiana pode ter contribuído para a ocupação da América por meio de **várias migrações**, ou melhor, por meio de **vários eventos de expansão na direção leste**.

Considerando que o tom descritivo é característico de AC2, evidenciamos mais um modo de reformulação visando ao esclarecimento da análise como em:

15. Levando em consideração as correlações entre as variáveis craniométricas originais e o primeiro componente gerado, *pode-se dizer que*, quanto mais à esquerda e abaixo no gráfico, isto é, **quanto**

menor os valores para CP1 e CP2, mais a morfologia craniana é caracterizada por crânios estreitos, longos e com faces projetadas.

Verificamos ainda que, em AC2, o processo de reacentuação dá-se pelo uso da modalização (marcada em *itálico* nos exemplos 14 e 15). O que a princípio assinala de forma contundente a construção do PDV por meio da *modalização epistêmica* em 14 “Improvável que...”, é imediatamente reformulado por “torna-se bem pouco provável”. Outro uso da modalização dá-se em “é possível conhecer...”. Como um caso de modalização deontica, L1/E1 procura reafirmar sua posição: i) em 15, “*pode-se dizer que...*” e ii) em 14, na defesa da tese de que é possível calcular apenas as populações que emigraram, mas não o número de migrações (estabelece-se, assim, uma antonímia discursiva entre “populações” e “migrações”).

É comum haver a reacentuação nos artigos como um modo de fazer valer o PDV defendido, por isso o mecanismo da reacentuação em si não constitui uma diferença entre os artigos analisados. Porém, tal reacentuação assume configuração particular nos artigos: maior plasticidade lexical em AC1, o que explicita maior força ilocutória e envolvimento por parte de L1/E1, e maior modalização em AC2, sendo recorrente o uso da sinonímia na retomada do referente. Desse modo, a construção do PDV, por meio da reacentuação, mostra que em AC1 o sujeito é mais revelado do que em AC2, onde é mais recorrente o uso de formas

impessoais, tais como: “é provável”, “é possível”.

c) Modalização

A representação do PDV de L1/E1 nos artigos científicos analisados também pode ser vislumbrada pela estratégia de modalização. Tal estratégia é atestada pelo uso de verbos modais, que permitem ao autor afirmar seu PDV sem incorrer em afirmações absolutas. Esta “cautela metodológica”, que é característica do discurso científico, tal como denomina Hoffnagel (2010, p. 219), é bastante característica do AC2. Nos trechos subsequentes destacamos a modalização através de expressões verbais sublinhadas. No exemplo 16 e 17 verifica-se a modalidade epistêmica e em 18, modalidade deontica.

16. [...] Tudo indica que o processo de mongolização ocorreu apenas no início do Holoceno [...] (LAHR, 1995).

Com base nessas informações, sugerimos que, enquanto os poucos haplogrupos já estudados mantiveram-se os mesmos durante o processo de mongolização, o mesmo não ocorreu com a morfologia craniana. O ambiente extremamente frio que sempre caracterizou o nordeste da Ásia parece ter selecionado uma nova morfologia craniana, sem, contudo, ter afetado as linhagens de DNA evolutivamente neutras até o momento estudadas.

[...] A maioria das informações já obtidas sobre o assunto parece apontar para o fato de que ambos os marcadores evoluem, majoritariamente, por processos estocásticos e não seletivos.

17. Sinteticamente, podemos dizer que as evidências obtidas neste trabalho dão suporte inquestionável à idéia de que duas morfologias muito distintas sucederam-se no continente americano.
18. Em outras palavras, não há nenhuma razão para se supor que marcadores moleculares e morfologia craniana evoluem ao mesmo tempo e na mesma direção, já que se trata de duas entidades evolutivas completamente distintas.

[...] Quando regiões anatômicas cranianas específicas são investigadas, é inegável que pelo menos parte da variabilidade morfológica foi fixada por seleção natural – ver Guglielmo-Matessi et al. (1979) para um exemplo.

[...]

Em suma, pelo menos no tocante à ocupação inicial do Novo Mundo, é inegável que morfologia craniana e linhagens moleculares podem ter atendido a ditames evolutivos distintos, seleção natural e deriva genética, respectivamente.

d) Ordenação descritiva

A ordenação descritiva dá-se pela utilização de verbos que contribuem para qualificar ou enquadrar os dados analisados. Tais verbos tanto podem indicar o estado do dado quanto apontar para aquilo que ele faz e/ou leva L1/E1 a concluir. Conferem, portanto, orientação argumentativa ao artigo, sendo muito característicos de artigos que argumentam não só em função da teoria, mas em função de dados coletados e analisados. Os exemplos a seguir mostram a ordenação descritiva em AC2; os verbos estão em negrito. Sublinhamos o complemento sintático-semântico desses verbos (formas nominais e expressões predicativas), que auxiliam na descrição, rotulando explicitamente o fenômeno analisado.

19. Por outro lado, valores positivos nas abscissas e nas ordenadas **indicam** morfologia predominantemente caracterizada por crânios largos, curtos e de face pouco projetada.
20. Conforme pode ser facilmente depreendido das figuras 3 e 4, **ocorre** novamente uma forte sobreposição da série *Sambaqui* à *Peru* na metade direita dos gráficos, ao passo que Lagoa Santa **encontra-se** afastada dessas duas séries mais recentes, ocupando o lado esquerdo delas. Diferentemente do que ocorreu com a parcela masculina, o segundo componente **distingue** razoavelmente bem *Peru* de

Sambaqui, com a primeira série ocupando predominantemente a metade inferior do gráfico e a segunda, a metade superior do mesmo.

21. O dendrograma obtido com a Análise de “Cluster” **aponta** para a mesma direção: enquanto *Peru* e *Sambaqui* se separam a uma distância de amálgama de aproximadamente 21, Lagoa Santa se separa de ambas a uma distância de amálgama de aproximadamente 42.
22. Em síntese, todos os resultados obtidos **indicam**, claramente, que *Peru* e *Sambaqui*, duas amostras tardias, ainda que muito afastadas geograficamente, repartem uma mesma identidade morfológica, ao passo que Lagoa Santa, de antiguidade paleoíndia, apresenta identidade própria e distinta, apesar de sua maior proximidade geográfica e cronológica com *Sambaqui*.

e) Predicação ou comparação

A representação do PDV de L1/E1 também se realiza nos artigos por meio de uma estrutura sintática específica: a predicação (uso do verbo de ligação) e da comparação (uso da conjunção comparativa). Em ambas as estruturas, identificamos a presença de *formas nominais* que compõem tanto a predicação quanto a comparação. Nos exemplos abaixo, as formas nominais aparecem em negrito,

estando sublinhados as conjunções comparativas (exemplos 23 e 24) e os verbos de ligação (exemplos 25 a 28).

23. O gênero aparecia desde esse momento como **um obstáculo suplementar no que toca a prática científica**, pois as relações de poder que atravessam os laboratórios estigmatizavam mulheres, excluindo-as, o que dificultava a circulação de suas pesquisas. AC1.
24. O fenômeno da natureza, a radioatividade, operava como **um centro de ressonância que obliterava as relações de poder que tendiam a excluir as mulheres da ciência – o “trabalho masculino”**. AC1
25. Não descrever as relações que envolviam gênero me parece **uma maneira de endossar as relações de poder exercidas sobre Marie Curie durante a controvérsia científica, uma maneira de torná-las invisíveis**. AC1
26. Essa diferença entre o masculino e o feminino era **tudo o que se tinha de eliminar no “Caso Marie Curie”**, e o “silêncio” de Marie em relação às dificuldades suplementares que geria é **um bom exemplo disso**. AC1
27. As variáveis craniométricas XFB, STB, AUB e ASB foram **as que mais se expressaram positivamente correlaciona-**

das ao primeiro componente, assim como as variáveis BPL, SSR e PRR, negativamente. AC2

28. Conforme pode ser observado, o valor da D2 entre *Lagoa Santa versus Peru* e/ou *Sambaqui* é **muito maior do que o da obtida entre Peru e Sambaqui.** AC2

A representação do PDV por meio dessa estrutura sintática pode se dar como uma coenunciação, na medida em que L1/E1 faz referência a outros enunciadores que partilham do mesmo PDV. Rabatel (2005, p.102) concebe a *coenunciação* como “a coconstrução pelos locutores de um PDV comum e partilhado, que os engaja enquanto enunciadores”. A coenunciação é redefinida por Rabatel (2008) como uma postura de hierarquização enunciativa (posição em simetria), diferentemente das posturas de subenunciação e de sobrenunciação (posições hierárquicas em dissimetria ou assimétricas). Os exemplos abaixo enquadram a predicação em termos de coenunciação pela indicação de fontes enunciantoras:

29. Descrever essas relações de maneira separada é **uma forma de endossar uma visão demais “modernista” e já ultrapassada de ciência** (LATOURET, 1994), ao mesmo tempo em que uma visão masculinista de ciência que nos aparece como aperceptível (HARAWAY, 1991). AC1
30. Dito de uma outra maneira, as afinidades biológicas aqui geradas baseiam-se estritamente no fator “forma”. Essa é **uma estratégia comumente empregada em estudos craniométricos**, tendo em vista que “tamanho” pode ser altamente influenciado por fatores ambientais imediatos, como nutrição (CORRUCINI, 1973). AC2
31. A população com morfologia generalizada que entrou na América foi, muito provavelmente, **a mesma que deu origem aos mongolóides na Ásia, que hoje predominam naquela região do planeta.** Evidências ligando evolutivamente os primeiros americanos aos pré-mongolóides da Ásia já existem na literatura (NEVES; PUCIARELLI, 1998; KAMMINGA; WRIGHT, 1988; WRIGHT, 1995). AC2

A ocorrência de tal estrutura sintática não chega a ser uma diferenciação marcante entre os artigos analisados. Porém, a necessidade de indicar fontes enunciativas (entre parênteses), que se coadunam com a visão em foco, ou mesmo que serviram de referência para a asserção predicativa, marca de forma particular a representação do PDV no domínio acadêmico. Ademais, em se tratando do funcionamento dessa esfera de circulação dos discursos, a coenunciação é um procedimento bastante recorrente,

visto que as produções intelectuais são frutos de (re)interpretações, recortes e retomadas de teorias e noções advindas de outras fontes enunciativas com as quais L1/E1 dialoga para afirmar sua posição. Em função disso, registramos no item seguinte (3.2.2), alguns exemplos que particularizam a coenunciação no artigo científico, particularmente em relação ao modo como L1/E1 incorpora em seu discurso o discurso outro (enunciador segundo – e2).

Representação do PDV de e2

Observamos a representação do PDV de e2 nos artigos científicos a partir de dois mecanismos linguísticos que aqui destacamos: a) aspas de conotação autonímica e b) verbos de dizer, ação e percepção.

a) Aspas de conotação autonímica

São inúmeros os exemplos que podem ilustrar as aspas de conotação autonímica ou modalização autonímica (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004) nos artigos analisados. Assim, entendemos que a utilização desse recurso é um indicativo da composição do gênero neste domínio, precisamente quanto ao modo de representar o PDV, enquadrar o tema em foco e perspectivar o objeto de discurso em evidência na cadeia referencial.

Considerando que e2 foi locutor em contexto anterior, sua presença é marcada por aspas de conotação autonímica que enquadram a forma

nominal destacada. Estas, por sua vez, são acompanhadas e apresentadas por verbos que marcam a atitude linguística e/ou perceptual de e2, tais como: “chamar”, “denominar”, “tratar”, “batizar”, “cunhar”, “enquadrar”, “interpretar” etc. Através desses recursos, L1/E1 sinaliza o PDV do outro, por uma espécie de “delimitação explícita”, mas sem necessariamente marcar distanciamento pela indicação de um PDV dissonante. Ao contrário, na maior parte dos exemplos analisados, L1/E1 reforça seu PDV, ancorando-o em uma fonte literária renomada, já que, como é característico da prática discursiva acadêmica, L1/E1, autor/pesquisador, não pode deixar de mencioná-la ao circular numa determinada esfera de conhecimento.

Nos exemplos seguintes, a presença de e2 identifica-se em sublinhado, juntamente com o verbo que marca a atitude de e2. As formas nominais destacam-se em negrito.

32. [...] considerando a presente paisagem problemática deste artigo, quero fazer valer o que Stengers (2002) chamou de “restrrição leibniziana”, segundo a qual não se deve subverter os sentimentos estabelecidos. AC1
33. Por isso é às vezes denominada “morfologia generalizada” ou “morfologia primitiva”, para usar um termo da cladística (HENNING, 1965). AC2
34. Até meados dos anos 1990, predominava na literatura a idéia de que a ocupação da América pelo

Homo sapiens teria se dado por três levas distintas [...]. Denominado “**Modelo das Três Migrações**”, foi sugerido no início dos anos 1980 por Cristy Turner II, Stephen Zegura e Joseph Greenberg, baseado em três pilares: a diversidade dentária, linguística e genética das populações nativas americanas. AC2

35. Digo isso, em relação ao que Sedenõ (id.) chamou de “**princípio de co-responsabilidade feminina**”, uma idéia bem propícia para pensar o contexto de atuação em que Marie Curie estava envolvida. Nas palavras da própria autora: Se uma mulher faz algo malfeito, é típico de seu sexo, de todas as mulheres (um caso só confirma a generalização universal de que todas fazem aquilo mal), mas, se uma fizer bem, é apenas uma exceção. AC1

Notamos, entre esses exemplos, o modo como L1/E1 se apropria ou enquadra o dizer de e2 por meio de uma avaliação explícita no trecho 35 através da forma nominal “uma ideia bem propícia”. Tal forma é seguida de uma reinterpretação do dizer de e2 (não marcada por aspas), a qual contribui para endossar o PDV defendido. Esta avaliação explícita marcada por grande força ilocutória (“bem propícia”) indica um modo de tomar para “si” a forma como e2 enquadra o objeto de discurso, o que é característica do estilo composicional do AC1.

Também verificamos nos artigos a conotação autonímica sem a presença de verbos de atitude linguística e/ou perceptual. Como é característico dos gêneros acadêmicos, a presença de e2 é marcada pela referência entre parênteses, tal como indicam os exemplos que seguem. Nesses exemplos, a forma nominal destaca-se em negrito e a referência a e2 aparece sublinhada. É notável a *prise en charge* de L1/E1 em AC1, ao comentar o dizer de e2. Isto se verifica em 36 por “trata-se de” e pela forma nominal avaliativa em negrito com função apositiva em 37.

36. Mobilizarei, então, o “**princípio de irredução**” (LATOUR, 1994; STENGERS, 2002): trata-se de não utilizar palavras que têm por vocação *revelar* a verdade por detrás das aparências, ou de *denunciar* as aparências que ocultavam a verdade.
37. Eis que se constituiu um “**novo território existencial**” (Deleuze; Guattari, 2005), um **novo caminho para a ciência – uma porta de entrada para as mulheres**.

b) Verbos de dizer, ação e percepção

Na representação do PDV de e2, verbos de dizer, ação e percepção assinalam a atitude linguística ou perceptual de e2 frente ao conteúdo abordado. L1/E1 interpreta o conteúdo atribuído a e2, marcando posição em relação ao seu PDV ou, de maneira mais precisa, o modo como cientificamente nutre relação com e2 na

esfera de conhecimento. Isso pode ser verificado nos exemplos 38 a 40. Nesses exemplos, sublinhamos a referência a e2 e em negrito encontram-se os verbos que marcam a atitude de e2.

38. Marie (CURIE, 1898) tinha lançado a hipótese de que na pechblenda poderia se encontrar um material mais radioativo que o urânio e o tório, e por isso desconhecido. AC1

39. Trabalhos anteriores (NEVES, 1988; OKUMURA, 2007) demonstraram que, do ponto de vista da anatomia e da morfologia craniana, estas duas amostras apresentam grande identidade morfológica com os sambaquis clássicos (datados entre aproximadamente 6 e 1 mil anos antes do presente), o que justifica, portanto, sua inclusão neste estudo representando o período Arcaico. AC2

40. Dois cenários podem ser sugeridos para explicar a dualidade morfológica que viemos encontrando na América do Sul ao longo do tempo. Um primeiro, advogado por um de nós (WAN) desde 1989, **prega que** essas morfologias já chegaram ao Novo Mundo como tais, ou seja, por meio da chegada ao continente, entre o final do Pleistoceno e o início do Holoceno, de duas populações asiáticas distintas (NEVES; HUBBE, 2005). Um segundo cenário (POWELL,

2005) **sustenta que** a morfologia paleoamericana deu origem *in situ* à morfologia ameríndia, por meio de processos microevolutivos locais, notadamente deriva genética. Portanto, o processo de mongolização teria ocorrido na Ásia e na América em paralelo, sendo, assim, asiáticos e ameríndios atuais um exemplo de evolução paralela-convergente. AC2

A representação do PDV por meio dessas expressões verbais não chega a ser um aspecto diferencial entre os artigos analisados. Ao contrário, constituem uma característica do gênero, na medida em que cumprem uma função discursivo-interacional específica dos gêneros que circulam no domínio acadêmico, qual seja: a necessidade de ancorar ou respaldar a abordagem defendida em pressupostos/pesquisas anteriores à pesquisa em desenvolvimento. Esse respaldo pode ser observado não apenas pela manifestação do PDV de e2, em que se marca a fonte enunciativa (inclusive de acordo com as normas científicas para citação: sobrenome do autor e ano de publicação entre parênteses), mas sobretudo pelo modo como L1/E1 se apropria do conteúdo desse dizer para as suas constatações ou justificativas. Isto pode ser verificado no exemplo 40: “Portanto, o processo de mongolização teria ocorrido na Ásia e na América em paralelo, sendo, assim, asiáticos e ameríndios atuais um exemplo de evolução paralela-convergente”; e no

exemplo 39: “o que justifica, portanto, sua inclusão neste estudo representando o período Arcaico”.

Interessa notar que a diferenciação semântica entre os verbos assinalados nos exemplos 38 a 40 dilui-se no contexto e por isso as quatro expressões verbais podem ser considerados sinônimas.

Outro modo de representar o PDV de e2, que também parece ser característico dos gêneros acadêmicos, é referir-se ao posicionamento alheio por uma espécie de doxa científica, ou seja, imputa-se um PDV ao outro, mas este outro é coletivizado na esfera acadêmica em que enuncia. Originalmente, o *PDV dóxico* é interpretado por Rabatel (2009) como um PDV de senso comum. Porém, em se tratando do artigo científico, entendemos a necessidade de reinterpretar essa dóxica ou *PDV de senso comum*, já que este PDV assume função específica e características particulares no artigo. Desse modo, o PDV dóxico no artigo científico não se particulariza necessariamente como um dizer baseado em tradições culturais ou na forma de pensar e agir de uma sociedade, mas em uma tradição de ciência ou em um modo recorrente de se operar, agir e pensar, cientificamente, em determinado campo. Apresentamos a seguir alguns exemplos em que está sublinhada a fonte dóxica, sendo destacadas em negrito as formas verbais:

41. Alguns especialistas **acreditam** que a compatibilização desses dois modelos é *simples*: as duas morfologias que se sucederam no

tempo no Novo Mundo são *resultado de um processo microevolutivo local, independente daquele que ocorreu, em paralelo, na Ásia*. AC2

42. A partir de meados dos anos 1990, mas principalmente a partir do final da década, dois outros modelos passaram a desfrutar de grande interesse entre a comunidade especializada, sobretudo porque **questionavam** seriamente o modelo tripartite [modelo das três migrações]. AC2
43. As resistências à inserção das mulheres na ciência também se tornam visíveis nas condecorações em que “a” radioatividade foi premiada. Todos **sabiam que** as pesquisas eram originalmente de Marie Curie, Pierre foi quem passou a auxiliá-la, mas ela, mesmo assim, **era vista como uma “auxiliadora” de seu marido na produção científica**. O poder que o gênero conferia à organização das relações era substancial, e não é à toa a invisibilidade das mulheres na história da ciência. Tal invisibilidade de que Marie foi uma das primeiras a se esquivar por ter tido a possibilidade de **ser tratada como uma exceção, como uma mulher excepcional**. AC1

Exemplos como esses nos permitem constatar o dialogismo presente na construção do PDV no artigo científico. Ao re-

presentar o PDV de outros enunciadores, L1/E1 reinterpreta o dizer, “colorindo-o” com suas “acentuações” (cf. BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1929), como mostram as expressões atributivas marcadas em itálico no exemplo 41: “é simples”; e no exemplo 43: “como uma *auxiliadora* de seu marido na produção científica” e “como uma exceção, como uma mulher excepcional”. As formas verbais que acompanham tais expressões (“acreditam que”, “sabiam que”, “era vista” e “ser tratada”) não implicam a retomada literal do discurso outro ou uma alusão direta ao que o outro disse. Ao contrário, evidenciam a atribuição de um conteúdo perceptual ao outro ou uma espécie de imputação para fazer valer e respaldar a fundamentação crítica no artigo.

Conclusão

Os dados analisados revelam que há certas especificidades no processamento da argumentação no artigo científico, particularmente no que diz respeito à representação dos pontos de vista. Tais especificidades relacionam-se ao modo de configurar discursivamente o PDV no âmbito da prática científica. Uma dessas especificidades diz respeito à referência a e2, isto é, à necessidade de marcar as fontes enunciativas com as quais L1/E1 dialoga para a fundamentação da análise/reflexão empreendida no artigo. Essa referência, apesar de apontar para as obras, não exclui a intervenção de L1/E1, que, ao imputar um PDV por meio de verbos e formas nominais, interpreta-o,

podendo configurar-se como uma *prise en charge*, pois L1/E1 assume conjuntamente a responsabilidade pelo que enuncia (acordo com o outro).

Nesse sentido, os artigos analisados evidenciam constantemente a coenunciação. Raro se fez a manifestação do PDV de e2 com o intuito de discordar deste, pois a maior parte dos dados evidenciam o acordo. Assim, o artigo científico diferencia-se de gêneros de outros domínios (jornalístico, político, etc.) em que se verifica o embate ou polêmica pela dissimetria enunciativa com o intuito de denegrir o outro. Desse modo, a representação do PDV no artigo científico valoriza a polidez, já que esse tratamento também parece ser uma necessidade para tornar respeitável a pesquisa e o fazer científico.

Interessa notar, contudo, certas diferenças quanto à representação do PDV no artigo, o que aponta para a ausência de uniformidade na construção do gênero, reafirmando o que defendem Bazerman (2006), Hoffnagel (2010) e Swales (2004). Tais diferenças puderam ser observadas na afirmação do PDV de L1/E1. Artigos que se pautam pela análise e coleta de dados, como é o caso de AC2, dão preferência à ordenação descritiva e à modalização (cautela metodológica). Além disso, apagam os vestígios de subjetividade ao optar por não escrever em primeira pessoa, dando preferência a estruturas mais impessoais, como a sinonímia lexical, que confere menos plasticidade às formas nominais que atuam na predicação, comparação e

reformulação. Por outro lado, a subjetividade na representação do PDV pode ser manifestada de modo mais explícito no artigo científico, como pudemos verificar na análise de trechos do AC1.

Por fim, podemos dizer que não há uma uniformidade do gênero na área da antropologia, quanto ao modo de argumentar. A argumentação nessa área pode ser configurada tanto por um modo mais dialético de fazer ciência quanto por uma demonstração no modelo das ciências naturais e exatas. Assim, as variações composicionais do gênero são determinadas mais pelo estilo do autor, do que pela área ou pelo gênero em si, ainda que essas variações preservem a especificidade funcional do gênero no domínio acadêmico.

The point of view representation in a scientific article

Abstract

Based on an interactional-enunciative approach, this article presents the results of an analysis of the methods of argumentation in two scientific articles. Its purpose is to discuss linguistic aspects that contribute to the establishment of positions, or standpoints, in this genre. Amongst these linguistic elements, nominal verb forms, as well as action and perception verbs, such as “to be”, are prominent, as they contribute to situating one’s own perspective and that of the other within the message, orienting it argumentatively. In this process, the locutor/enunciator relations are fundamental, and enable us to analyze the mechanisms of com-

mitment (*prise en charge*) and imputation that have a significant role in the manifestation of these points of view. In this manner, it is possible to observe how the locutor (investigator), through dialoguing with other enunciators (investigators), assumes enunciative responsibility for the content of the article, thus characterizing a method of argumentation more linked with style than with the genre itself.

Keywords: argumentation, point of view, scientific article and objects of discourse.

Notas

- ¹ O interesse na análise do artigo científico surgiu no âmbito do projeto “Gêneros acadêmicos: investigando as ações sociais e discursivas da produção científica”. Atuei nesse projeto com bolsa de pós-doutorado da Capes (Prodoc), sob a coordenação da professora Dra. Elizabeth Marcuschi, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, no período de junho de 2011 a fevereiro de 2012.
- ² A noção de focalização narrativa foi consagrada pelos estudos de Genette (1983).
- ³ Esse objeto de conhecimento pode ser interpretado como um “objeto de discurso” à luz da teoria da referência tal como o definem Aphotèloz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada (1995) e Marcuschi e Koch (1998).
- ⁴ Ao reinterpretar Ducrot (1984), Rabatel (2008a, 2009b) propõe a denominação “locutor/enunciador primeiro” (L1/E1), para referir-se à instância que assume o ato físico de enunciar oralmente ou por escrito, ao mesmo tempo que assume *responsabilidade* sobre o que diz. Como L/E *primeiro*, esta instância é reconhecida como aquela que representa o ponto de vista principal que se estabelece no discurso, isto é, aquela encarregada de conduzir a interpretação, orientando argumentativamente o texto.
- ⁵ Retomam-se aqui os conceitos de locutor e enunciador postulados por Ducrot (1984).
- ⁶ O enquadre conceitual a que nos referimos é interpretado por Rabatel (2008b) como “percepção do objeto”. Provisoriamente, esse conceito será deixado de lado, porque o recorte teórico-metodológico desta análise não tem como alvo os aspectos cognitivos envolvidos na representação do ponto de vista.

⁷ O interesse por essa área deve-se ao fato de que existem menos estudos sobre gêneros acadêmicos em ciências humanas e sociais, tanto no Brasil como no exterior, tal como apontado por Hoffnagel (2010, p. 316).

Referências

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Éd.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.
- ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.
- COLTIER, D.; DENDALE, P. (Éd.). *La prise en charge énonciative: études théoriques et empiriques*. Bruxelles: De Boeck/Duculot, 2011.
- COLTIER, D.; DENDALE, P.; DE BRABANTER, P. La prise en charge mise en perspective. *Langue Française*, v. 162, p. 3-27, 2009.
- DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. p. 171-233. cap. 8. Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation.
- GRIZE, J.-B. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1997.
- _____. *Logique naturelle et communications*. Paris: PUF, 1996.
- HOFFNAGEL, J. C. A escrita na pós-graduação. In: HOFFNAGEL, J. C. *Temas em antropologia e linguística*. Recife: Bagaço, 2010.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. (2002). Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: _____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 61-81.
- MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Edunicamp/Fapesp, 1998. v. VIII.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Éd.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 273-302.
- RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... *Langue Française*, v. 162, p. 71-87, 2009.
- _____. *Homo narrans*. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Tome 1. Les points de vue et la logique de la narration. Limoges: Editions Lambert-Lucas, 2008.
- _____. La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue. *Marges linguistiques*, v. 9, p. 115-136, 2005.
- _____. *Une histoire du point de vue*. Metz: Université de Metz, 1997.
- RIBEIRO, N. B. *Entrecruzamentos de gêneros discursivos na universidade: esferas do político, do científico e do ensino*. Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas: IEL, 2005.
- SWALES, J. *Research genres*. Exploration and application. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.